

## ORDEM DAS PALAVRAS NOS TEXTOS DE CLARIMUNDO E PERENIGRAÇÃO

António Alexandre<sup>1</sup> ([antonioalex71@gmail.com](mailto:antonioalex71@gmail.com))

---

<sup>1</sup> **Doutor** em Ciências de Educação pela FICS: Facultad Interamericana de Ciencias Sociales, **Mestre** em Linguística Aplicada pela Universidade Metropolitana de Asunción, Licenciado em línguas e literatura, na especialidade de tradução e Administração, pela Universidade Católica de Angola: professor de Línguas Portuguesa, Inglesa, semiótica, Literatura, técnicas de Tradução, técnicas de textos administrativos, sintaxe e semântica do Português, Metodologia de Investigação, tradutor, fonética e fonologia do português.

### **RESUMO**

Trata-se de uma tentativa de descrição dos textos clássicos e contemporâneos na sua variedade culta, com chamada de atenção para os aspectos da sintaxe nos textos como Clarimundo, Auto da Alma e Peregrinação de João de Barros, Gil Vicente e Fernão Mendes Pinto, com maior destaque para a localização dos clíticos. Outra chamada de atenção vai para o estudo comparativo da sintaxe dos três autores e para uma análise sobre a ordem das palavras e a sintaxe dos verbos, na linguagem quotidiana, a fim de se chegar a razão do direcionamento da cliticização da época e a posição do clítico no Português falado em Angola.

A reflexão desenvolver-se-á em torno de um inventário de enunciados que configuram as propriedades estruturais das linguagens clássicas. Portanto, veremos que tal inventário será abrangido por duas grandes variedades de enunciados.

**PALAVRA CHAVE:** Ordem das palavras

### ABSTRACT

This is an attempt to describe classical and contemporary texts in their cultured variety, with attention to aspects of the syntax in texts such as **Clarimundo**, **Auto da Alma** and **Peregrinação** by João de Barros, Gil Vicente and Fernão Mendes Pinto, with greater emphasis on the location of the clitics. Another call for attention is the comparative study of the syntax of the three authors and for an analysis of the order of words and the syntax of verbs in everyday language in order to arrive at the reason for the direction of the cliticization of the time and the position of the clitic in Portuguese spoken in Angola. The reflection will be developed around an inventory of statements that configure the structural properties of the classical languages. Therefore, we will see that such an inventory will be covered by two broad varieties of statements

**KEY WORDS:** word order

### ***RESUMEN***

Se trata de un intento de descripción de los textos clásicos y contemporáneos en su variedad culta, con llamada de atención a los aspectos de la sintaxis en los textos como Clarimundo, Auto del Alma y Peregrinación de João de Barros, Gil Vicente y Fernão Mendes Pinto, con el mayor destaque para la localización de los clíticos. Otra llamada de atención va para el estudio comparativo de la sintaxis de los tres autores y para un análisis sobre el orden de las palabras y la sintaxis de los verbos en el lenguaje cotidiano a fin de llegar a la razón de la dirección de la cliticización de la época y la posición del " clítico en portugués que se habla en Angola. La reflexión se desarrollará en torno a un inventario de enunciados que configuran las propiedades estructurales de los lenguajes clásicos. Por lo tanto, veremos que tal inventario estará cubierto por dos grandes variedades de enunciados.

**PALABRA CLAVE:** *orden de las palabras.*

## ***SOMMAIRE***

Ceci est une tentative de décrire des textes classiques et contemporains dans leur variété cultivée, avec une attention aux aspects de la syntaxe dans des textes tels que Clarimundo, Auto da Alma et Peregrinação par João de Barros, Gil Vicente et Fernão Mendes Pinto, avec plus d'emphase sur la localisation des clitiques. Un autre appel à l'attention est l'étude comparative de la syntaxe des trois auteurs et pour une analyse de l'ordre des mots et de la syntaxe des verbes dans le langage courant afin d'arriver à la raison de la clitisation du temps et de la position du clitique en portugais parlé en Angola. La réflexion sera développée autour d'un inventaire d'énoncés qui configurent les propriétés structurelles des langages classiques. Par conséquent, nous verrons qu'un tel inventaire sera couvert par deux grandes variétés de déclarations.

***MOTS CLÉS:*** *ordre des mots*

## INTRODUÇÃO

A reflexão desenvolver-se-á em torno de um inventário de enunciados que configuram as propriedades estruturais das linguagens clássicas. Portanto, veremos que tal inventário será abrangido por duas grandes variedades de enunciados.

Uma variedade será consubstanciada, sem dúvida, pelos aspectos da sintaxe decorrentes da observância das normas linguísticas dos textos em estudo. Um segundo grupo de enunciados apresentará um estudo entre a sintaxe dos textos clássicos e a sintaxe do português actual. Por outro lado, é pertinente informar que são, aliás muito frequentes os casos de conflito entre a norma e uso. Formas legitimadas pela norma que o uso não privilegia. Para tal, Celso Cunha e Lindley Cintra (2002) têm o seguinte argumento: *“a norma pode variar no seio de uma mesma comunidade linguística, seja de um ponto de vista diatópico (Português de Portugal/Português do Brasil/Português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (Linguagem culta/Linguagem média), seja, finalmente do ponto de vista difásico (Linguagem poética/Linguagem da prosa).*

Por outro lado, para o problema da distinção entre “correcto” e “errado” é colocado novamente pelos professores Celso Cunha e Lindley Cintra (2002) *“é justamente para chegarem a um conceito mais preciso de “correção” em cada idioma que os linguistas actuais vêm tentando estabelecer métodos que possibilitam a descrição minuciosa das suas variedades cultas, seja na forma falada, seja na escrita. Sem investigações pacientes, sem métodos descritivos aperfeiçoados nunca alcançaremos determinar o que, no domínio da nossa língua ou de uma área dela, é de emprego obrigatório, o que é facultativo, o que*

Ordem das palavras nos textos de Clarimundo e Peregrinação

*é tolerável, o que é grosseiro, o que é inadmissível; ou, em termos radicais, o que é e o que não é correcto”.*

Portanto, é do mecanismo de funcionamento destes grupos de enunciados de que nos vamos ocupar, ao longo do nosso trabalho.

*Clarimundo*”, “*Auto da Alma*” e “*Peregrinação*”

Os dados de estudo foram retirados dos textos acima mencionados através de um programa de busca. Foram levados em conta para o critério de classificação dos dados:

1. O tipo de frase: *declarativa, interrogativa, exclamativa e imperativa*.
2. A natureza dos constituintes que precedem o clítico.



3. Análise das frases: os resultados foram comparados com os dados relativos à evolução próclise/ênclise e a ordem das palavras na frase, na mesma época.

O corpus que está na base do nosso trabalho foi reunido, na sua quase totalidade, a partir de análises de obras de três autores portugueses do século XV – XVI.

De salientar, entretanto, que para o português actual inventariamos, a partir de um corpus reunido de nossa autoria.

Posteriormente, fizemos recursos a outros métodos de pesquisa como o *serviço de fotocópias* e ainda os serviços de *empréstimos de livros* que nos foi oferecido por amigos e organizações, como, feiras de livro, etc., que nos permitiram tomar conhecimento sobre o tema em análise. Estes métodos fizeram com que durante a redacção do trabalho, os livros estivessem à nossa disposição.

Por outro lado, os enunciados não foram recolhidos apenas por meio de leituras que fizemos, como também houve apoio de professores que têm um vasto domínio sobre a matéria e as obras consultadas vêm referidas nas bibliografias que encerra cada capítulo.

Por último, é com base nos métodos acima referenciados que pudemos tirar conclusões sobre o assunto que constitui o nosso objecto de estudo.

A proposta do trabalho delineada nesta pesquisa, fundamenta-se em três planos: trata-se de um estudo relevante para a expansão dos conhecimentos sobre a diacronia do português e sobre a história da sintaxe das variantes actuais; para o aprofundamento dos conhecimentos sobre a ordem das palavras na frase, e as relações entre a sintaxe-discurso

na arquitectura da gramática e na mudança gramatical; para o avanço nas metodologias de pesquisa de base teórica.

No contexto dos estudos sobre a sintaxe do português, a natureza da posição superficial pré-verbal e pós-verbal no português clássico é um tema importante para a pesquisa, tendo em vista as mudanças gramaticais posteriores, que originam o português contemporâneo.

Os estudos visam apoiar e fazer compreender os falantes da língua Portuguesa (doravante LP) sobre os padrões da ordem das palavras na frase.

Essa pesquisa pode contribuir para as linhas que investigam a relação entre o componente computacional e o componente informacional na arquitectura da gramática.

O estudo sobre a história do português clássico, interessa ainda ao âmbito geral das pesquisas sobre mudança gramatical.

Por fim, a proposta reveste-se de relevância no plano metodológico, ao trabalhar um problema crucial para que os estudos baseados em documentação funcionem como guia das pesquisas, mas não como seu fim.

## **CAP. II – COLOCAÇÃO DO PROBLEMA**

Alguns professores ensinam que na língua portuguesa e sobretudo nas frases declarativas a posição do sujeito na frase é fixa, ou seja, o sujeito está sempre presente no início da frase. Na verdade, essa afirmação pouca a realidade e fomos todos vítimas. Os mesmos professores também ensinavam uns ainda continuam teimosamente a ensinar que as frases imperativas são de sujeito nulo, ou seja, nunca há sujeito nas frases tipicamente imperativas. É falta de investigação, pois tais argumentos nunca constituíram verdade.

Ora bem, estamos diante da ordem dos constituintes na frase, isto é, a ordem das palavras na frase ou se quisermos dizer a inversão da ordem das palavras na frase. Isto significa que nem sempre o sujeito está no início da frase quer nas frases declarativas quer nas frases interrogativas, exclamativas e imperativas.

Para compreendermos Eliseu empresta-nos o seguinte depoimento (2008:142) “*o termo ordem de palavras designa um parâmetro de classificação tipológica das línguas que têm em conta a posição relativa dos elementos que compõem uma expressão linguística complexa. Por exemplo, a classificação das línguas nos tipos SVO, VOS, SOV, OVS, etc., têm em conta o padrão de alinhamento dos constituintes com as funções sintáticas de sujeito, verbo e do objecto directo e indirecto”.*

Todavia, a combinação de dois ou mais constituintes dentro de um enunciado pode resultar em um enunciado ordenado ou invertido, ou seja, no caso de um enunciado ordenado teremos um elemento em posição inicial e outro em posição final.

Numa sequência deste tipo, os diferentes elementos terão uma harmonia umas em relação a outras, de acordo com uma ordenação linear. Vejamos, por exemplo, as palavras “*comeu*”, “*ela*” e “*a sopa*”, que se encontram na sequência “*ela comeu a sopa*”. Ora, para indicar a posição relativa de cada uma destas palavras, diremos que “*ela*” está à esquerda de “*comeu*” e da “*a sopa*” ou que “*comeu*” está à esquerda da “*a sopa*” (também poderíamos dizer que “*a sopa*” está à direita de “*ela*” ou que “*a sopa*” está à direita de “*ela*” e “*comeu*”).

A esta relação dá-se o nome de procedência: diremos então que “*ela*” precede “*comeu*” e que “*comeu*” precede “*a sopa*”.

Epifânio da Silva Dias ( 1970: 310), por exemplo, limita-se a referir qual a ordem natural das palavras na frase e alguns dos contextos em que ocorre inversões:

*“A colocação mais simples (quero dizer, sem ênfase) das palavras na frase, consiste em ir primeiro o sujeito com suas pertencas, depois o predicado ”.*

Finalmente, a caracterização da ordem de palavras básicas é feita a partir da observação de frases declarativas, afirmativas e não enfáticas. Em todas as línguas, outros tipos de frases (como as interrogativas, exclamativas, etc.) mostram diferentes padrões de ordenação. De notar que, quando estudamos a ordem das palavras na construção da frase, temos em vista a localização dos constituintes frásicos imediatos e não dos constituintes frásicos facultativos. Os constituintes imediatos são os que são imprescindíveis ao sentido da frase.

Por outro lado, os facultativos são aqueles que fazem parte dos complementos circunstanciais.

Por exemplo: *O marido da Margarida telefonou ontem.*

– *Telefonou ontem o marido da Margarida.*

Observemos agora que quando numa expressão linguística se altera a ordem das palavras, de forma ilustrada em *frase I(ab)*, obtêm-se resultados aceitáveis, mas o mesmo não acontece, quando se altera a ordem das palavras, de forma exemplificada, em *frases I(cde)*.

*1. a) O marido da Margarida telefonou.*

*b) Telefonou o marido da Margarida.*

*c) ?? Da Margarida telefonou o marido.*

*d) ?? Marido da Margarida telefonou o.*

*e) ?? O marido telefonou da Margarida.*

Portanto, isto mostra que aquilo que se chama ordem das palavras tem, na verdade, em conta certas sequências de palavras e não palavras isoladas ou sequências arbitrárias de palavras. Assim, é possível ter a expressão “*o marido da Margarida*” em várias posições na frase, mas não é possível separar os elementos que formam esta expressão, fazendo com que uma parte ocorra num dado ponto da frase e outra num ponto distinto.

Observemos o *exemplo 1(cde)*. Podemos observar que os elementos deste enunciado, garantem estabilidade, embora estejam em várias posições formando uma estrutura de coesão.

A uma sequência de elementos sintáticos com estas características dá-se o nome de constituintes. Por outro lado, aos exemplos em *1(ab)* aplicámos um teste de movimento, deslocando para a direita várias combinações de palavras, de forma a identificar uma destas como constituintes.

Uma observação mais atenta mostra a forma de aplicação de um teste de movimento. O primeiro passo consiste em escolher arbitrariamente uma sequência que, como hipótese, forma um constituinte.

Exemplo:

2. *a)* O Pompeu assistiu o paciente *durante uma hora*.

*b)* *Durante uma hora*, o Pompeu assistiu o paciente.

Por exemplo, vamos supor que na frase 2 (*a*), *durante uma hora* é um constituinte.

O passo seguinte consiste em pôr à prova esta hipótese vemos que quando movemos uma parte dessa sequência (neste caso particular, movendo-a para esquerda, uma vez que ela se encontra em posição final da frase).

Como resultado desta deslocação, obtém-se uma frase aceitável. Concluímos que a sequência '*durante uma hora*' pode ser separada e, portanto, não forma um constituinte único. Podemos em seguida perguntarmo-nos se as expressões '*o paciente durante uma hora*' formam cada uma por si um constituinte.

Com efeito, aplicando o mesmo teste de movimento, verificamos o seguinte:

*3.a) ?? O paciente, o Pompeu assistiu durante uma hora.*

*b) ?? Hora, o Pompeu assistiu os pacientes uma.*

*c) ?? Uma hora, o Pompeu assistiu o paciente durante.*

Conforme os exemplos em 3 (*abc*), em nenhum dos casos é possível obter um resultado aceitável, pelo que podemos concluir que '*o paciente durante uma hora*' são efectivamente constituintes.

Também a sequência '*o Pompeu*' forma um constituinte, como afirma mais uma vez Eliseu (2008:32) podemos verificar, aplicando por si próprio este mesmo teste (desta vez deslocando a expressão, no seu todo ou em parte, para a direita).

O resultado desta análise pode ser representado graficamente da seguinte forma:

(4) 

Pompeu
--------

 assistiu 

o paciente
------------

durante uma hora.
-------------------

Nota-se que, nesta representação, a expressão verbal '*assistiu*' não aparece associada a nenhum outro elemento.

Por conseguinte, para a inversão sujeito/verbo/objecto segundo Ambar (1992:23) entende-se, numa primeira abordagem, a alteração da ordem de constituintes resultante de uma operação de movimento que desloca de sua posição de base ou o *sujeito* ou o *verbo* ou



Ordem das palavras nos textos de Clarimundo e Peregrinação

*objecto* de uma estrutura frásica, obtendo-se a ordem básica SVO (Sujeito - Verbo - Objecto ou OSV):

**5. a)** *O Director Caculo comeu mangas;*

Uma ordem em que o verbo precede o sujeito, ou seja, VSO (Verbo - Sujeito - Objecto):

**b)** *Comeu o Director Caculo mangas;*

Outra do tipo VOS (Verbo - Objecto - Sujeito):

**c)** *Comeu mangas o Director Caculo;*

Finalmente a ordem OVS (Objecto - Verbo - Sujeito):

**d)** *Mangas comeu o Director Caculo.*

Neste tipo de análise, são tidos em conta os vários padrões de ordem definidos pela posição ocupada pelo *sujeito*, pelo *verbo* e pelo *objecto*.

Ora, a inversão sujeito/verbo é assim uma designação de dois processos sintácticos que estas estruturas podem envolver: pós-posição do sujeito ou anti-posição do verbo. Consideremos as frases (6 e 7).

(6) *Que viu o Director Caculo?*

(7) *Comeu os figos o Buanga.*

Admitindo a ordem OVS, para a representação da frase (6), duas hipóteses põem-se: ou o sujeito se desloca para a direita do verbo ou o verbo se desloca para a esquerda do sujeito.

Relativamente a frase (7), as duas hipóteses já não são tão claramente alternativas. Enquanto a pós-posição do sujeito parece natural, a anteposição do verbo só poderá ser defendida, se mais alguma coisa for dita.

Com efeito, nesta hipótese teríamos de explicar porque é que o sujeito segue não apenas o verbo, mas também o objecto directo. Se a frase (7) atribuirmos a estrutura subjacente dada em (8):

*(8) O Buanga comeu os figos.*

da anteposição do verbo resultaria (9) e não (7)

*(9) Comeu o Buanga os figos.*

Abstraindo agora dos aspectos sintácticos a que estas estruturas de inversão surgem associados à frase (6), corresponde em superfície a uma ordem OVS. A frase (7), a uma ordem VOS, a frase (8), a uma ordem SVO e a frase (9) a uma ordem VSO.

Por outro lado, tendo em conta o carácter {± obrigatório} da inversão, constatámos que a frase (6) se distingue das frases (7) e (9), ou seja, em (6) a inversão é obrigatória, pelo facto de a interrogativa ser parcial.

Em suma, vemos assim que, mesmo tomando como ponto de partida uma definição rudimentar como a que foi sugerida no início de capítulo, logo várias questões se nos colocam na caracterização das estruturas universais.

### **2.1. A ORDEM DAS PALAVRAS EM FRASES DECLARATIVAS**

Para MATEUS (2003:436), “*as frases declarativas não são sequências lineares de palavras, mas obedecem a uma estrutura hierárquica em que há constituintes que por sua vez se formam de outros constituintes até chegar ao nível da palavra*”.

De um modo geral, a frase declarativa subordina-se ao esquema de hierarquização das palavras *sujeito, verbo, complementos*. Todavia, a ordem básica de palavras de uma língua, também denominada ordem não marcada, é a ordem estruturalmente mais simples e discursivamente mais neutra, quer dizer, aquela em que não se dá nenhum destaque especial a qualquer dos elementos da frase.

A LP é uma língua verbo-medial. Isto não significa que todas as frases declarativas do português correspondem ao padrão SVO. Portanto, as dificuldades têm lugar, quando na sua estruturação surgem outros factores, como por exemplo a natureza de constituinte frásico ou o seu valor categorial e o contexto.

Na realidade, as razões de natureza discursiva (como a escolha de uma expressão diferente da que tem a relação gramatical do sujeito para assunto acerca do qual se afirma ou nega alguma coisa ou o estatuto de informação nova do sujeito e do objecto simultaneamente) e construções sintácticas específicas (como as orações relativas em que o

pronome relativo não tem a relação gramatical do sujeito) podem levar a que a ordem básica seja alterada<sup>2</sup>. Assim, consideremos os seguintes exemplos:

**10.a)** Calonda comeu a pipoca.

s.            v.            o.

**b)** A pipoca comeu o Calonda.

o.            v.            s.

**c)** Comeu o Calonda a pipoca.

v.            s.            o.

**d)** Comeu a pipoca o Calonda.

v            o.            s.

**e)** O Calonda não a comeu.

s.            o.            v.

A frase 10(a), com ordem básica *SVO* pode ocorrer num discurso em que se esteja a narrar o que aconteceu, durante uma festa de anos de uma criança.

Mas esta frase, pode igualmente ocorrer como resposta a uma pergunta como A: “o que é que aconteceu?” B (*o Calonda comeu a pipoca*), caso em que toda a frase transmite informação nova.

---

<sup>2</sup> Para mais esclarecimento veja Inês Duarte.

A frase 10(b) não é discursivamente neutra, uma vez que se faz do objecto *a pipoca* o assunto sobre o qual se afirma ou nega alguma coisa (a este propósito os linguistas afirmam que se trata de «o *tópico* acerca do qual se faz uma predicação») e o sujeito *o Calonda* é a parte da frase que transmite a informação com maior grau de novidade (para os linguistas trata-se de «o *foco* informacional»). Por isso, esta frase, em que o objecto em posição inicial é retomado junto do verbo, sob a forma de um pronome, pode ocorrer como resposta a uma pergunta sobre *a pipoca*: A “o que é que aconteceu com a pipoca?” B “*a pipoca, comeu - (a) o Calonda*”.

Já a frase 10 (c) também não é discursivamente neutra, pois, contrariamente ao que é habitual, não só o objecto *a pipoca* como também o sujeito *o Calonda* constituem informação nova, pelo que a frase pode ocorrer como resposta à pergunta A “Quem é que comeu o quê?” B “*comeu a pipoca o Calonda*”.

Como as duas frases anteriores, 10 (d) não é discursivamente neutra, uma vez que o sujeito constitui informação nova, de que o interlocutor não dispunha. Por esta razão, pode ocorrer como resposta a uma pergunta como A “*Quem é que comeu a pipoca?*” B *comeu a pipoca o Calonda*.

Uma outra particularidade é constatada na frase 10(e), a ocorrência da partícula morfológica “*não*” conduz à inevitabilidade da inversão da ordem das palavras. Porém, trata-se de uma inversão decorrente da deslocação do objecto directo. Este abandona a sua posição canónica, que é à direita do verbo, para uma posição pré-verbal.

*10 (e) O Calonda não a comeu*

Concluimos que do ponto de vista da sintaxe, as frases (10), são aceitáveis na linguagem corrente.

Do modo geral, sobre o enunciado (10), podemos concluir que as diferentes ordens de palavras em frases declarativas simples reflectem o estatuto discursivo das expressões que nelas ocorrem.

Segundo Duarte (2000: 150), a posição inicial da frase é reservada para o tópico e a final para a informação com maior grau de novidade, ou seja, a ordem de palavras básica em português é aquela em que o sujeito da frase é o *tópico* e o objecto é o *foco* informacional (ou, num contexto pergunta/resposta, em que toda a frase constitui informação nova) <sup>9</sup>.

Também construções sintácticas específicas, tanto em frases declarativas como em interrogativas ou exclamativas (estas vê-las-emos adiante), podem exigir a alteração da ordem básica SVO. Considerem-se os seguintes exemplos:

*11 a) Não gosto de pipoca que o Calonda comeu.*

*o.            s.            v.*

*b) Não sei o que o Calonda comeu*

*o.            s.            v.*

*c) O que comeu o Afonso?*

*o. v. s.*

*d) Que estranha pipoca, comeu o Calonda!*

*o. v. s.*

No enunciado (11) ocorrem palavras e expressões com uma propriedade sintáctica que necessita de explicitação; «deslocadas» para a posição inicial da oração, é isto que acontece com o pronome relativo «*que*» em *11(a)*, com o pronome interrogativo «*o que*» em *11(b)*, frase que contém uma oração subordinada interrogativa indirecta, e em *11(c)*, uma oração interrogativa directa e com a expressão introdutora da interrogação exclamativo «*que*» em *11(d)*, uma frase exclamativa.

## **2.2. A ORDEM DAS PALAVRAS EM FRASES INTERROGATIVAS TOTAIS**

Na LP, existem várias classes que definem as frases interrogativas. Cada classe é definida por uma determinada hierarquização dos seus constituintes frásicos.

Ainda na esteira do pensamento da MATEUS (2003), “*As frases interrogativas totais também conhecidas por interrogativas proposicionais, interrogativas de resposta Sim/Não. Constituem a expressão de um acto elocutório directivo, através do qual o alocutor pede ao seu alocutário que lhe forneça verbalmente uma informação de que não dispõe*”<sup>10</sup>.

Assim, as frases interrogativas podem ser de dois tipos: *totais (globais, ou de Sim/Não)*; e *Parciais ou interrogativas “Q”*.

Observemos as seguintes frases em (12):

**12 a)** *O Paulo José telefonou?*

**13 a)** *Telefonou o Paulo José?*

**b)** *O Luís leu o livro /que lhe ofereci?*

**e)** *Leu o Luís o livro / que lhe ofereci?*

s. v. o.

v. s. o.

**c)** *Compraste o disco?*

**f)** *Comprou a Catraio a fuba ?*

**d)** *A professora Catraio comprou a fuba?*

As frases acima referenciadas podem não apresentar qualquer modificação em relação à declarativa correspondente, apenas se distinguindo dela por uma curva de entoação específica. É o caso das frases em *12(ac)*. Mas podem apresentar uma ordem de palavras diferente das frases declarativa, como em *13(abc)*.

Ora, segundo ainda MATEUS ( 2003) “*as interrogativas totais são formuladas com o objectivo de obterem, da parte do alocutário, uma resposta afirmativa ou negativa*”.

Finalmente, a resposta afirmativa a uma interrogativa total pode ser “*Sim*”, seguido do verbo da pergunta.

– *Sim, telefonou*

Por sua vez, uma resposta negativa pode ser constituída por “*Não*”, normalmente reforçado e seguido do verbo da pergunta.



- *Não, não telefonou,*

### **2.3. A ORDEM DAS PALAVRAS EM FRASES INTERROGATIVAS PARCIAIS**

A frase interrogativa parcial, também conhecida por frase interrogativa categorial, distingue-se da interrogativa total por o objectivo de interrogação incidir sobre um constituinte frásico que é simbolicamente representado pelo morfema “*Q*”.

Isto significa que as frases interrogativas parciais são introduzidas por um morfema pronominal ou adverbial que preenche os espaços constituintes sobre o qual incide o conteúdo da pergunta. Os linguistas portugueses recorrem geralmente ao morfema “*Q*” para simbolizar um morfema que introduz a interrogação, a exemplo dos linguistas ingleses que recorreram ao símbolo *Wh* (which, what, when, why), assim, os morfemas *que, quem, quando, como, qual, onde* são algumas destas estruturas.

Portanto, algumas destas estruturas acima mencionadas, podem surgir no início de uma frase interrogativa ou manter-se numa posição interna à frase interrogativa, geralmente a posição final. Vejamos os seguintes exemplos:

**14**

- a) *Que programa televisivo viste?*
- b) *Compraste o quê no Nosso Super?*
- c) *Vais viajar quando?*
- d) *O que comeu o Buanga?*

Quer dizer, as interrogativas parciais podem envolver ou não movimento sintáctico dos constituintes “*Q*” para uma posição à esquerda da frase.

Ora, se compararmos, a frase interrogativa total com a frase parcial, facilmente se compreende que a interrogativa total pode aparecer submetida à inversão da ordem das palavras, conforme já referimos, embora com menos frequência, se a confrontarmos com a frase interrogativa parcial por isso, nas frases interrogativas totais a inversão é opcional. Para tal, observemos duas frases, uma parcial e outra total que propomos novamente à leitura.

15. a) O Luís leu o livro /*que lhe ofereci?*

s. v. o.

b) Leu o Luís o livro /*que lhe ofereci?*

v. s. o.

c) O que comeu o Buanga?

o. v. s.

Entretanto, a organização formal e sintáctica das palavras na primeira sequência interrogativa, obedece à ordem directa das palavras, se considerarmos apenas a frase superior.

Contudo, se considerarmos a segunda sequência interrogativa 15(b), vemos que ela se apresenta submetida a uma sintaxe que inverte a linearidade das palavras da frase superior, não deixando de ser gramatical.

Podemos então observar a partir do enunciado em 15(c) que a frase interrogativa parcial radica a sua natureza na maioria dos casos numa construção sintáctica invertida. Esta inversão da ordem das palavras é mais frequente na frase interrogativa parcial do que na frase interrogativa total. Por exemplo, são agramaticais as frases 16(abc).

16 a) O que a Maria fez?

o.            s.            v.

b) O que ele fez?

o.            s.            v.

c) Quando o Buanga chegou?

o.            s.            v.

17 a) *O que fez a Maria?*

b) *O que fez ele?*

c) *Quando chegou o Buanga?*

Sendo assim, a inversão da ordem das palavras nas frases interrogativas totais é opcional, isto é, pode ocorrer ou não. Já na frase interrogativa parcial, a inversão da ordem das palavras é muitas vezes obrigatória no português padrão, o que significa que esta inversão é mais frequente na frase interrogativa parcial, do que na frase interrogativa total. Conforme referimos, os exemplos em frases 16 (ab e c), apresentam uma ordem das palavras incorrecta, pois nestas frases devia verificar-se a inversão posicional do *verbo* em relação ao *sujeito*. Assim, os enunciados em 17( abc) apresentam uma ordem das palavras correctas na qual o *verbo* muda de posição. Além do que referimos, notámos que o

morfema *Q* desempenha a função sintáctica de objecto directo, ao mover-se para uma posição periférica da frase, ou seja, abandona a sua posição básica que seria à direita do verbo – a posição canónica do objecto directo.

Trata-se, porém, de um movimento padronizado da formação de frases interrogativas parciais e frases relativas em português. Isto equivale a dizer que, na maioria dos casos, a inversão da ordem das palavras faz parte da natureza da própria frase interrogativa parcial.

Em suma, a frase interrogativa total não é introduzida por nenhum morfema, ao passo que na frase interrogativa parcial temos a presença de um morfema interrogativo a introduzir a frase.

#### **2.4. A ORDEM DAS PALAVRAS EM FRASES IMPERATIVAS**

A frase imperativa sendo o tipo de construção de pedido, da ordem, do conselho é tipologicamente directiva. Por isso, contrariamente ao que acontece com as frases declarativas, o enunciador espera sempre levar o interlocutor a assumir uma atitude. A frase imperativa é também uma frase de sujeito nulo, ou seja, é caracterizada pelo afastamento do sujeito na maioria dos contextos, na Língua Portuguesa. Observemos os seguintes exemplos:

- *Come a maçã.*
- *Prepara a roupa .*
- *Lava o carro .*

Ora, em nenhum dos enunciados acima aparece o sujeito, mas em determinados contextos é possível o recurso ao sujeito em construções basicamente imperativas, sempre que numa

interacção de ambiguidade se pretende definir com precisão o interlocutor que deve cumprir a ordem ou o pedido .

Exemplo:

- *Leva tu o teu irmão ao hospital.*

Por outro lado, uma frase declarativa, interrogativa, ou até exclamativa, pode exprimir o objectivo elocutório subjacente ao conteúdo proposicional de uma construção imperativa.

Observemos os seguintes exemplos:

- 18 a) Podia servir-me uma sopa?*
- b) Tu levas o teu irmão à escola.*
- c) Levas tu o teu irmão à escola .*
- d) Leva **tu** as compras.*

O facto de a frase em *18(bd)*, ter um valor directivo, faz com que se possa inverter a ordem da localização do sujeito e do verbo. Ver *16(c)*.

Ocorre em frase *18(cd)*, um sujeito actualizado sob forma pronominal. Há no entanto, necessidade de desambiguar uma situação.

Contudo, sempre que numa frase basicamente imperativa se recorrer ao sujeito é alterada a ordem das palavras, isto é, o sujeito adquire sempre uma posição pós-verbal. Por outro lado, a outra particularidade consiste no facto de o sujeito ser representado invariavelmente por uma realização pronominal.

## **2.5. A ORDEM DAS PALAVRAS EM FRASES EXCLAMATIVAS**

As frases exclamativas totais são aquelas que não são introduzidas por nenhum morfema “Q”.

**Exemplo:**

**19 a)** *Huambo é uma cidade linda!*

**b)** *Uma cidade linda é Huambo!*

Notámos que ambas as construções são gramaticais, apesar de uma delas ser caracterizada por uma inversão da ordem das palavras. Damo-nos também conta de que a exclamação não é introduzida por nenhum morfema “Q”; então, podemos concluir que nas frases exclamativas totais, a ordem das palavras é opcional, sempre que a exclamação não é introduzida por nenhum morfema “Q”. Como é ilustrado em *19(b)*.

Por outro lado, quando temos um morfema introdutório da exclamação “Q” a inversão é obrigatória em determinadas construções e faz parte da natureza da própria frase, não podemos escapar a essa construção, isto é, há uma inevitabilidade da inversão na frase exclamativa parcial.

Vejamos o seguinte exemplo:

**20** Quantas fábricas      a guerra      destruiu!

*o. d.*

*s.*

*v.*

O enunciado acima transcrito é introduzido por um morfema “Q”. Vemos que a inversão da ordem das palavras é obrigatória.

Tal inversão é caracterizada pelo movimento do objecto directo para a esquerda da frase, ou seja, o *objecto directo* é deslocado da sua posição canónica obrigatoriamente para a esquerda ou início da frase. O mesmo já não acontece, se tivermos a seguinte frase:

– **21 a)** *O Comboio destruiu muitas casas!*

s.                      v.                      o.

Vemos que a ordem directa das palavras na frase 21(a) é respeitada. Quanto aos critérios da sua constituição, consiste em que numa das frases (20) a inversão da ordem das palavras é obrigatória, como consequência da ocorrência do morfema “*Q*” que surge agregado ao *nome*, fazendo parte da estrutura que exerce a função de objecto directo e funciona como uma estrutura de valor quantificacional ou de intensificação da carga semântica destas categorias.

No entanto, há casos em que a não ocorrência do morfema “*Q*” não conduz à inevitabilidade da inversão da ordem das palavras nas frases exclamativas, podendo ser opcional como se observa na frase 19(ab) que propomos novamente à leitura:

**19 a)** *Huambo é uma cidade linda!*

**b )** *Uma cidade linda é Huambo!*

Em suma, a ordem das palavras nas frases declarativas, interrogativas e exclamativas até aqui analisadas manifestam uma sintaxe igual à da língua inglesa.

E.Travis ( 1984: 265-266), por exemplo oferece-nos o seguinte esclarecimento:

*“The direct word order in an English declarative sentence: (1) subject, (2) predicate, (3) objects, (4) adverbial modifiers”.*

Interrogative sentence: *“in most of them the inversion is partial as only part of the predicate is placed before the subject: **is he** at home?; **have you** many friends?*

*The usual position of the object in declarative sentence is after the predicate. However, in exclamatory sentence the direct object may occupy the first place.*

*The order of words in which the subject is placed after the predicate is called inverted order or inversion”.* (p.266)



**OS ASPECTOS DA SINTAXE DO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XV-XVI**  
**– A ORDEM DAS PALAVRAS NA FRASE**



um verbo transitivo directo, sendo o *objecto directo* desempenhado pela expressão nominal “*esta primeira pedra*”.

Relativamente à ordem das palavras, ela obedece à ordem directa das palavras, ou seja, apresenta-nos um escalonamento esquemático SVO característica do português actual.

Quanto à alínea (b), ela aponta para uma sintaxe que inverte a ordem das palavras. A expressão nominal “*Clarimundo*” desempenha a função sintáctica de *sujeito*, enquanto que a estrutura verbal “*levou*” é um verbo que selecciona *objecto directo* que é actualizado pelo clítico acusativo “*o*” na posição pré-verbal. Tal inversão, leva à sequência enunciativa para um escalonamento esquemático SOV, o que reflecte uma mudança gramatical, em relação ao português actual.

Na linguagem actual, o clítico acusativo “*o*” não seria caracterizado por essa sintaxe de localização, mas por sintaxe de localização pós-verbal.

### **3.2. ANÁLISE DAS FRASES INTERROGATIVAS**

Conforme deixámos explícito atrás, existem várias classes que definem a frase interrogativa. Assim, a frase interrogativa pode ser total ou parcial.

Os exemplos em 23(abc) representam interrogativas totais:

23 a) *Algum mal passou ele?*<sup>5</sup>

b) *Inês está concentrada para casar com alguém?*<sup>6</sup>

c) *Esta carta mostrou o vice-Rei D. Afonso ao Padre Reitor Mestre Belchior qual era o colégio de S. Paulo de Goia?*<sup>7</sup>

Ora bem, observa-se, na frase 23(a), uma inversão dupla. A primeira inversão consiste no facto de o *sujeito* desempenhado pelo pronome pessoal recto “*ele*” ocupar a posição pós-verbal. Quanto à segunda inversão, verifica-se pelo facto de a expressão nominal “*algum mal*” desempenhar a função sintáctica de *objecto directo* e aparecer numa posição pré-verbal.

Quanto à frase 23(b), a expressão nominal “*Inês*” desempenha a função sintáctica de *sujeito*. Ao passo que na posição pós-verbal, a expressão adjectival “*concentrada*” desempenha a função sintáctica de *predicativo de sujeito*.

Contrariamente ao que acontece com a frase anterior, as palavras em 23 (b) apresentam-se na ordem directa.

A alínea (c) merece um esclarecimento à parte das duas frases anteriores. Atesta-se, em primeiro lugar, que a expressão nominal “*esta carta*” aparece representada por uma sintaxe de localização pré-verbal, desempenhando a função sintáctica de *objecto directo*.

---

<sup>5</sup> João de Barros, O.C.,P.83

<sup>6</sup> Gil Vicente, “*Auto da alma*”,P.155

<sup>7</sup> Fernão Mendes Pinto, O.C.P.915

Esta particularidade é devida ao facto de a frase (c) ser característica da época clássica, ou seja, o *objecto directo* ao aparecer na posição inicial na frase interrogativa total, reflecte uma sintaxe própria da época clássica.

Em segundo lugar, atestamos que a estrutura verbal selecciona *objecto directo* e *indirecto*, ou seja, é um verbo transitivo directo e indirecto. Quanto ao sujeito, é actualizado pela expressão “o vice-Rei D. Afonso”, representado por uma sintaxe de localização pós verbal, sendo o *objecto indirecto* desempenhado pela expressão “ao Padre Reitor mestre Belchior” à direita do sujeito, invertendo-se desta forma à ordem das palavras na frase, isto é, a inversão é decorrente do facto de o *objecto directo* aparecer numa posição pré-verbal.

Podemos concluir que, nessa época, a ordem das palavras nas frases interrogativas totais era opcional, tal como hoje acontece no português actual.

Como se observa, as frases interrogativas totais são formuladas com objectivo de se obter, da parte do alocutário, uma resposta afirmativa ou negativa, isto é, a resposta pode ser sim ou não.

Quanto à interrogativa parcial, ela caracteriza-se pela presença de constituintes pronominais ou adverbiais interrogativos, conforme já referimos atrás. Leiamos os seguintes exemplos:

*24 a) Que remédio pode esperar este triste doente?*<sup>8</sup>

*b) A quem estas cartas mandou o senhor?*<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> João de Barros, O.C., P. 81

<sup>9</sup> Id.,P.73

c) *Que manda vossa mercê?*<sup>10</sup>

Como se pode observar na frase 24 (*abc*), a presença de constituintes interrogativos marca precisamente o foco da interrogação.

Ocorre-nos assinalar que na frase 24(*a*), a expressão “*que remédio*” ocupa uma posição pré-verbal, desempenhando a função sintáctica de *objecto directo*. Ao passo que a expressão “*este triste doente*” ocupa uma posição pós-verbal com a função sintáctica de *sujeito*, invertendo-se a frase para um escalonamento esquemático *OVS*.

Na alínea (*b*), a estrutura invariável “*a quem*”, desempenha a função sintáctica de *objecto indirecto*, ao passo que a expressão nominal “*estas cartas*” desempenha a função sintáctica de *objecto directo*, ocupando a posição pré-verbal. Quanto ao sujeito, este ocupa uma posição pós-verbal, actualizado pela expressão nominal “*o senhor*”, invertendo-se desta forma a ordem das palavras na frase.

Relativamente à frase (*c*), diz-se que o *objecto directo* é desempenhado pelo morfema “*Q*” no início da frase, isto é, ocupa uma posição pré-verbal. Ao passo que o sujeito é desempenhado pela expressão “*vossa mercê*” na posição pós-verbal, tornando a frase numa construção sintáctica invertida.

Conforme vimos, trata-se de um movimento padronizado na formação das frases interrogativas parciais. Isto equivale a dizer que quanto à ordem das palavras, a frase interrogativa parcial já era obrigatória, nessa época, tal como hoje acontece.

---

<sup>10</sup> Gil Vicente, O.C., P.168

### 3.3. ANÁLISE DAS FRASES EXCLAMATIVAS

A frase exclamativa também pode ser total ou parcial. A exclamativa total distingue-se da exclamativa parcial por não ocorrer nela nenhum movimento de constituintes específico na sintaxe, conforme referimos em frases anteriores.

Consideremos as frases exclamativas totais:

25 a) *Quem não fizer o que eu faço, a Serpe da noite o trague no fogo!*<sup>11</sup>

b) *Muito poderoso deve ser o Deus deste homem e digno de ser reverenciado em toda a grandeza da terra!*<sup>12</sup>

c) *Eu mui bem me confessei!*<sup>13</sup>

Na primeira frase, ou seja, em 25(a) a exclamação não é introduzida por nenhum morfema “Q”, se considerarmos como exclamativa a frase subordinante “*a Serpe da noite o trague no fogo!*”.

Sendo assim, a expressão “*a Serpe da noite*” desempenha a função sintáctica de *sujeito*, ao passo que *objecto directo* é actualizado pelo clítico acusativo “*o*” na posição pré-verbal, o que reflecte uma mudança gramatical em relação ao português actual. No português actual,

---

<sup>11</sup> Fernão Mendes Pinto, O.C.,P.

<sup>12</sup> Ib.,

<sup>13</sup> Gil Vicente,O.C.,P.73

o clítico acusativo “o” seria caracterizado por uma sintaxe de localização pós-verbal e não pré-verbal. Assim, a frase 25(a) aparece submetida a uma sintaxe que inverte a linearidade das palavras na frase.

Na segunda alínea, ou seja, 25(b), a expressão “*muito poderoso*” desempenha a função sintáctica de predicativo do sujeito, ao passo que a expressão nominal “*o Deus deste homem*” desempenha a função sintáctica de *sujeito*. Quanto à ordem das palavras, observamos que o *sujeito*, ao ocupar a posição pós-verbal torna a construção frásica numa ordem invertida.

Relativamente à alínea (c), o pronome pessoal recto “*eu*” desempenha a função sintáctica de *sujeito*, ao passo que o clítico “*me*” desempenhando a função sintáctica de objecto indirecto, ocupa uma posição pré-verbal enquanto que a estrutura verbal “*confessei*” localiza-se no final da frase, com a função sintáctica de *predicado*, invertendo-se a ordem das palavras.

Nestes exemplos, a exclamação não é introduzida por nenhum morfema “*Q*”, então concluímos que nas frases exclamativas totais, a ordem das palavras é opcional, uma vez que em 25(a) consideramos apenas a frase superior.

Por outro lado, a frase exclamativa parcial é aquela que apresenta um morfema introdutório da exclamação “*Q*”.

***Exemplo:***

***26 a) Que conselho me dará vossa reverência!***<sup>14</sup>

***b) Quem da vida desterra a triste serra!***<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Fernão Mendes Pinto,O.C.,824

<sup>15</sup> Gil Vicente,O.C.,P.81



c) *Que pena posso tomar por tamanho erro!*<sup>16</sup>

A sequência enunciativa 26(a) apresenta-nos uma frase em que a expressão “*que conselho*” desempenha a função sintáctica de *objecto directo* na posição inicial da frase, enquanto que o clítico “*me*” com função sintáctica de *objecto indirecto* ocupa uma posição pré-verbal. Quanto ao sujeito, este é desempenhado pela expressão nominal “*vossa reverência*”, ocupando uma posição pós-verbal tornando, assim, a frase invertida, quanto à ordem das palavras.

Na alínea (b), observa-se também uma sintaxe invertida a partir do momento que a estrutura “*quem da vida*” desempenha a função sintáctica de *objecto directo*, ocupando uma posição pré-verbal, enquanto que o sujeito actualizado pela estrutura “*a triste serra*” ocupa a posição pós-verbal. O exemplo em 26 (b), parece-nos consignar o escalonamento OVS, ou seja, uma construção de movimento “*Q*” tornando a frase exclamativa numa sintaxe igual à do português actual.

Na alínea (c), a expressão “*que pena*” desempenha a função sintáctica de *objecto directo*, representado por uma sintaxe de localização pré-verbal, ou seja, trata-se de uma construção de movimento “*Q*”, pelo facto de o *objecto directo* abandonar a sua posição básica para uma posição periférica à esquerda do verbo, tal como hoje acontece.

Finalmente, quanto à ordem das palavras nas frases exclamativas parciais dessa época, achamos que elas são obrigatórias tal como acontece hoje no português actual.

---

<sup>16</sup> João de Barros, O.C., P.84

### 3.4. ANÁLISE DAS FRASES IMPERATIVAS

Conforme deixámos explícito atrás, a frase imperativa, sendo o tipo de construção de pedido, da ordem, do conselho é tipologicamente directiva. Ela também é caracterizada pela ausência do sujeito na maioria do contexto na Língua Portuguesa.

#### **Exemplos:**

*27 a) Entrai cá.*<sup>17</sup>

*b) Caminhai.*<sup>18</sup>

*c) Ó descuidados, cuidai.*<sup>19</sup>

Como se pode observar, em nenhuma das frases anteriores referenciadas aparece o sujeito. O sujeito só pode surgir em determinado contexto, definido pela ambiguidade na precisão do interlocutor que deve assumir a responsabilidade de praticar o acto decorrente da ordem ou do pedido emitido.

Portanto, não foi encontrado nos textos em estudo, uma frase imperativa que nos actualizasse o sujeito.

Em suma, as frases até aqui analisadas, dos autores dos séculos XV-XVI manifestam um comportamento similar à do português actual, se as compararmos com as frases de nossa autoria, quer do ponto de vista da sintaxe como da ordem das palavras na frase.

---

<sup>17</sup> Gil Vicente, O.C., P.251

<sup>18</sup> Id., P.128

<sup>19</sup> Id., P.262

Ordem das palavras nos textos de Clarimundo e Peregrinação

A única excepção verifica-se, nas frases imperativas por elas não actualizarem o sujeito.

Ordem das palavras nos textos de Clarimundo e Peregrinação

## **A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS NOS TEXTOS CLÁSSICOS**

Observa-se ao nível da utilização das partículas equivalente aos clíticos, que elas são utilizadas, adquirindo com grande frequência um posicionamento unicamente pré-verbal. Os enunciados abaixo mostram-nos tal critério de utilização, através das estruturas morfemáticas sublinhadas.

***Exemplo:***

*28 a) Lhe deram os parabéns de tão honroso efeito.<sup>20</sup>*

*b) Lhe agasalhou logo em um pagode.<sup>21</sup>*

*c) O padre lhe deu as graças.<sup>22</sup>*

*d) Eu lhes vejo.<sup>23</sup>*

*e) Belinfonte lhe beijou as mãos.<sup>24</sup>*

Porém, no domínio da coesão intra-oracional e inter-oracional, as frases 28 (abcd) são consideradas correctas, porque naquela época o português era falado e escrito desta forma. Hoje o enunciado 28 (abcd) é considerado marginal no Português Europeu.

Com efeito, são inferidas duas conclusões gerais: a primeira conclusão a que se pode chegar tem a ver com facto de o critério de projecção de certos constituintes colidir com as normas dominantes, em português actual, pelo alto grau de frequência com que se recorre a este tipo de frases, na época clássica. São disparidades entre o português clássico

---

<sup>20</sup> Fernão Mendes Pinto, Vol. I., P. 936

<sup>21</sup> João de Barros, O. C., P. 166

<sup>22</sup> Id., P. 946

<sup>23</sup> Gil Vicente, "Obras completas", Vol. VI., P. 119

<sup>24</sup> João de Barros, O. C., P. 184

e o actual, o que significa que houve uma certa evolução no que respeita à sintaxe da ordem das palavras.

A segunda conclusão consiste no facto de as frases 28 (*abcde*) apresentarem um critério de utilização dos clíticos numa posição pré-verbal igual à do Português falado em Angola cuja tendência é para próclise.

Entretanto, compreende-se, então, que, em tais condições de utilização, as partículas sublinhadas adquiririam uma localização pós-verbal no português actual, pois a localização pré-verbal dos clíticos em frase 28(*abcde*) viola, portanto, as normas da respectiva reinserção na frase, no português actual.

Segundo Helena (2001:49-50) para além da norma do português de Portugal, e dominante no português padrão, um outro país lusófono apresenta uma norma própria: o Brasil. Aqui, o uso dos pronomes átonos difere do uso estabelecido pela norma portuguesa.

É comum observar com muita frequência em Angola a ocorrência do clítico a esquerda do verbo tal como acontece no Brasil.

Podemos assim dizer, que a próclise tem mais adeptos e torna a língua mais espontânea assim como acontece com as línguas africanas.

Para Cuesta (1971:497 obra citada) no Brasil, os pronomes átonos “não só precedem muitas vezes o verbo em casos em que tal não acontece em Portugal, ou se pospõem a ele noutros em que neste país é obrigatória a posição proclítica, como chegam a aparecer em início de frase, numa posição em que devido à atonicidade se tornariam quase impronunciáveis para o falante luso. (...) A diferença que existe neste ponto entre a língua de um e do outro lado do atlântico, (...) explica-se pela diferença de entoação, pelo carácter ligeiramente tónico, dos pronomes brasileiros, cujas vogais não são relaxadas e ensurdecidas como as portuguesas, que tendem para a próclise”.

Para Celso Cunha e Lindley Cintra,(apud:317 ) o uso brasileiro “... *encontra, em alguns casos similar na língua medieval e clássica.*” Com efeito, no português arcaico, as formas não acentuadas do pronome pessoal desenvolveram-se ora como proclíticas, ora como enclíticas ao verbo. Edwin B. Williams ( 1991:153) refere que “... *a ênclise geral que se encontra no português de hoje em dia (...) é o resultado do acento dinâmico mais forte e é um desenvolvimento puramente moderno. Em verdade, (...) o facto de que o pronome nem sempre (...) ser enclítico ao verbo, é uma herança da linguagem mais antiga.*”

A. Mayer Lubke (apud por willians), argumenta que essas formas foram sempre enclíticas. “*num enunciado do tipo: ‘João sentou-se’, a língua clássica empregava igualmente ‘João se sentou’.*”

Em suma, o clítico “*lhe*”, nas linguagens da época clássica, assume uma dimensão funcional que o diferencia do estatuto de que goza, em português actual. De salientar que a época de transição entre o português clássico e o que se pode chamar do português moderno contemporâneo, situa-se entre o fim do século XVIII e o início do século XIX. A partir desta época, fixa-se a colocação do pronome átono de maneira rígida no Português Europeu.

O português falado no quotidiano e também em locais de serviço em Angola é assumido com muita frequência a próclise e o mais estranho é o clítico “*lhe*” usado com quase todos os verbos, ou seja, o pronome pessoal “*o, a os, as*” é desconhecido pela maioria dos falantes.

Para Mateus et ali ( 2003:331-332) *a posição dos clíticos na frase não é livre, pois há condições que obrigatoriamente determinam a ordem cl-v e a ordem v-cl.*

Entretanto, não se observa, nos enunciados transcritos, a ocorrência de nenhuma partícula morfológica que determina a anteposição dos clíticos às estruturas verbais.

De qualquer modo, circunscrevendo a nossa observação à matéria em análise, constatámos que os enunciados transcritos põem em evidência a função sintáctica que as partículas correspondentes aos clíticos ocupam nas frases em estudo, isto é, assumem a função sintáctica de *objecto indirecto*.

Contudo, nestas construções enunciativas, no qual o *objecto indirecto* é transferido para a fronteira inicial, como em 28(b), da estrutura frásica, sendo vinculado à função pragmática de *tópico* é marginal no português actual se compararmos com a norma europeia, pois não o era no português clássico, como já referimos atrás.

Porém, tendo em conta as disparidades que se verificam relativamente à ausência de conformidade sintáctica, a que já nos referimos, são gramaticais os enunciados 28(abcd).

Conforme vimos, as alíneas 28(ab), a ordem *cl. v.*, que caracteriza o português clássico, tal como representado nos textos “Clarimundo”, “Auto da Alma” e “Peregrinação”, apresentam uma propriedade central: a organização da promoção dos clíticos, para uma posição de destaque à esquerda do verbo. Ora, essa propriedade distingue sensivelmente a ordem superficial dos constituintes nos textos em estudo. De um modo geral, alterando a ordem SVO, sintacticamente, padronizada.

Quanto à alínea 28(c), o facto de a função de *objecto indirecto* ser desempenhada pela expressão clítica “*lhe*”, leva a que a construção frásica se organize nos termos de escalonamento esquemático SOV. Relativamente à alínea (d), o clítico dativo “*lhe*” localiza-se na posição pré-verbal.



Conforme ficou explícito, ocorre, nos textos dessa época, uma homogeneidade de comportamento dos clíticos comparando neste caso as três obras em estudo. Portanto, sendo a “ordem directa” do português definida como aquela em que o sujeito precede o verbo, e sendo a “ordem inversa” aquela em que a ordem directa é desobedecida, identificada com um esquema combinatório *cl. v*, conforme deixámos atrás explícito.

Por outro lado, se nos concentrarmos no que têm em comum estes textos, veremos que em construções enunciativas 29(*abcde*), as partículas morfemáticas “*que*”, “*quem*”, “*quando*”, revelam uma forte tendência para atracção dos pronomes complementos à esquerda do verbo, o que nos leva a inferir que quer em “*Clarimundo*”, “*Auto da Alma*” quer em “*Peregrinação*” as partículas morfemáticas sublinhadas revelam uma particularidade comum quanto à inversão dos pronomes complementos nos textos em estudo. Isto é, os enunciados a seguir 29(*abcde*) apresentam uma homogeneidade que é considerada gramatical, quanto à sintaxe do português actual.

29.a) [...] *Depois que a visse falaria com os padres.*<sup>25</sup> [...]

b) [...] *Quando nos viram comer com a mão.*<sup>26</sup> [...]

c) [...] *Quem me fora solteiro!*<sup>27</sup> [...]

d) [...] *Quando te parecer bem podes dizer ao padre **que** me venha ver.*<sup>28</sup>[...]

e) [...] *Quando Belinfonte o viu fazer, apertou a aliança.*<sup>29</sup> [...]

---

<sup>25</sup> Fernão Mendes Pinto, O.C., P.942

<sup>26</sup> Id., P.938

<sup>27</sup> Gil Vicente, O.C., P.139

<sup>28</sup> Fernão Mendes Pinto, O.C., P. 944

<sup>29</sup> Ib.,

Nesta conformidade, as frases 29(*abcde*) revelam uma particularidade comum quanto à inversão gramatical dos textos em estudo, ou seja, para os três autores a presença de partículas morfemáticas acima sublinhadas projectam os pronomes complementos para uma posição à esquerda dos verbos, um comportamento semelhante à do português actual. Em suma, achamos que, perante estes fenómenos sintácticos, quer em “*Clarimundo*” quer em “*Auto da Alma*” e “*Peregrinação*” de João de Barros, Gil Vicente e Fernão Mendes Pinto, respectivamente, se tornará razoável admitir que há uma certa harmonia, quanto à colocação dos clíticos na frase.

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A SINTAXE DO PORTUGUÊS CLÁSSICO E  
A SINTAXE DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO**

Nos termos da orientação temática do presente trabalho, e na perspectiva da matéria em estudo nesta secção, interessa-nos salientar o seguinte: observa – se uma certa consonância entre os textos do português clássico e do português actual no que tange aos operadores como: *que, quando, onde, quem, não, nem, já, como etc.* Ao revelarem uma forte tendência para atracção dos pronomes complementos para a esquerda do verbo nos textos em estudo, assim como no português actual.

Leiamos os exemplos que propomos novamente à leitura:

- *Quando nos viram comer com a mão.*
- *Depois que a visse falaria com os padres.*
- *Já vos arrependais?*

Como se pode observar, os pronomes complementos acima referenciados ocupam uma posição pré-verbal que é uma característica da sintaxe do português clássico, conforme deixámos explícito atrás, ou seja, quando temos a presença de operadores, vemos que os mesmos manifestam um comportamento similar à do português actual. Isto significa que abandonam a sua posição básica que seria à direita do verbo para uma posição pré-verbal, como ocorrem nos exemplos citados.

Constatámos também que a gramática do português clássico, tal como a representada nos textos em estudo, apresenta uma sintaxe que se diferencia a do português actual no que tange à localização do clítico “*lhe*” na frase. Observamos ao longo dos textos que os mesmos ocupam uma posição única pré-verbal, ao passo que no português actual, a

colocação do clítico “*lhe*” não é livre, pois há elementos que o permite estar localizado quer na posição pré-verbal como pós-verbal. O mesmo não acontece com o português falado em Angola em que o “*lhe*” ainda é atualizado à esquerda do verbo como na época medieval.

Aproveitamos a oportunidade para efectuar um comentário acerca dos verbos “*dar*”, “*beijar*” e “*ver*”.

Quanto ao verbo “*dar*” ostenta um aspecto em comum se a compararmos com a do português actual, ou seja, o comportamento manifestado pela expressão verbal em que surge inserida, aponta para uma sintaxe igual à do português actual. No entanto, se nos concentrarmos no que tem em comum este verbo, vemos que se trata de uma expressão verbal que acarreta uma carga valencial de três lugares, ou seja, um verbo trivalente, tal como na sintaxe do português actual, sendo, por isso, preenchidos pelo argumento externo, constituído pelo sujeito “*o padre*” e dois argumentos internos constituídos pelo *objecto indirecto* “*lhe*” e por *objecto directo* “*as graças*”. Há que sublinhar a posição do pronome pessoal “*lhe*” a esquerda do verbo, uma característica própria da época como nos mostra o exemplo:

– *O padre lhe deu as graças.*

Quanto à expressão verbal “*ver*”, ela aponta para um verbo transitivo directo, tal como acontece na sintaxe do português actual. Como se observa, no contexto em que surge inserida, a expressão verbal selecciona *objecto directo*, actualizado pelo clítico acusativo “*a*”. Como nos ilustra o exemplo:

– *Depois que a visse, falaria com os padres.*

Não queremos com isto dizer, que todas as estruturas verbais dos textos clássicos manifestam o mesmo comportamento. A título ilustrativo, ocorre-nos assinalar que a estrutura verbal “*ver*” nas obras de Gil Vicente, ela é utilizada como um verbo transitivo indirecto, de acordo com o que se observa no exemplo apresentado pelo referido autor. “*Eu lhes vejo*”.

Neste exemplo de autoria de Gil Vicente somos confrontados com uma irregularidade gramatical que envolve a estrutura verbal, pois o pronome pessoal “lhes” não coabita com o verbo “ver” curioso é que no português cotidiano falado em Angola é muito comum ouvir um enunciado igual quer nas camadas de baixo nível de escolarização quer a nível de professores e médicos.

Quanto à transcrição do enunciado “*Belifonte lhe beijou as mãos*”, em que surge inserida o verbo “*beijar*”, a sintaxe aplicada a este verbo, obedece a uma sintaxe bi-regencial, apresentando-se como um verbo transitivo directo e indirecto. Ora, no exemplo dado, somos ainda confrontados com uma sintaxe inaceitável, ou seja, se era gramatical na época hoje constitui uma frase marginal no Português Europeu. Compreende-se, então, que o enunciado acima proposto “*Belifonte lhe beijou as mãos*”, em que a expressão verbal apresenta uma carga valencial de três lugares, sendo, por isso, preenchidos pelo argumento externo, constituído pelo sujeito e por dois argumentos internos constituídos pelo *objecto* indirecto e *directo*, apresenta uma marca do Português falado em Angola pelo facto de o pronome pessoal “lhe” ser mobilizado à esquerda do verbo.

Entretanto, interessa-nos, neste particular momento, visualizar o comportamento das frases *interrogativas, exclamativas, declarativa e imperativas*, nos textos em estudo: chegamos a conclusão que elas revelam e manifestam, na globalidade, os mesmos

mecanismos de funcionamento em relação à sintaxe e a ordem das palavras na frase do português actual.

Uma outra particularidade que os textos nos oferecem com maior frequência tem a ver com a próclise na época clássica ao passo que a sintaxe do português actual tende à ênclise.

A maioria dos enunciados representados mostra-nos uma posição única dos pronomes complementos, conforme já referimos ao capítulo anterior. Facilmente se compreenderá que os autores, naquela época, utilizavam uma sintaxe similar nas suas obras.

Uma outra particularidade que se deve sublinhar, na análise dos verbos, verifica-se, com clareza, que a construção verbal " *ver* " é utilizada com uma sintaxe diferente, isto é , para Gil Vicente , este verbo selecciona *objecto indirecto*. Ao passo que , para Fernão Mendes Pinto, o mesmo verbo selecciona *objecto directo*.

Assim, não ocorre entre estes autores em causa uma convergência, quanto ao mecanismo de funcionamento do verbo "*ver*". Observa-se uma discrepância apenas no domínio da sintaxe do referido verbo.

É certo que não se pode estabelecer com rigor um juízo, em relação à causa e ao efeito entre os mecanismos de funcionamento deste verbo.

Relativamente à análise que se faz nas estruturas das frases declarativas, interrogativas, exclamativas e imperativas quer ainda na colocação dos clíticos na frase, estes autores mostram-nos uma certa homogeneidade.

Quanto à sintaxe da ordem das palavras na frase, não se regista qualquer mudança gramatical, ou seja, não apresenta disparidade alguma, isto é, verifica-se uma harmonia nas obras dos três autores, quanto à sintaxe da ordem das palavras.

Ora, achamos que, perante fenómenos sintácticos convergentes nas obras que acabamos de analisar torna-se razoável admitir que há uma certa harmonia, quanto à sintaxe dos textos clássicos e a do português actual.

Finalmente, ao longo da nossa pesquisa conferimos uma perspectiva puramente sintáctica para este estudo diacrónico, não abordamos sistematicamente a questão da semântica verbal.



## ***CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES***

Como resultado geral de uma pesquisa, pretendemos neste trabalho satisfazer dois objectivos: dar um contributo para o conhecimento da sintaxe da inversão Sujeito Verbo e Objecto em Português, determinar as repercussões da análise proposta nos textos clássicos e no português actual.

Na primeira parte, depois de algumas considerações de ordem geral sobre preliminares metodológicos, delimitação do objecto de estudo e sua caracterização no *capítulo 1*, foi integrado, no capítulo da ordem das palavras na frase, um estudo do critério de organização interna da frase, tal como se apresenta no contexto da tradição gramatical portuguesa. Muitas das observações dos gramáticos que, no *capítulo 2* registámos, terão decerto contribuído, para a análise do que acabámos de expor.

Neste sentido, no *capítulo 2*, apresentámos e discutimos diferentes perspectivas teóricas sobre o assunto.

Na *segunda parte*, constituída pelo *capítulo 3* apresentámos os aspectos da sintaxe/ordem das palavras em “*Clarimundo*” de *João de Barros*, “*Auto da Alma*” de *Gil Vicente* e “*Peregrinação*” de *Fernão Mendes Pinto*, com destaque para análise das frases declarativas, interrogativas e imperativas.

Finalmente, um outro problema que mereceu destaque no *capítulo 4*, residiu no estudo sobre a colocação dos clíticos nos textos clássicos. No *capítulo 5*, fez-se um estudo comparativo entre a sintaxe dos textos clássicos e a sintaxe do português actual.

As nossas recomendações são dirigidas a professores de Língua Portuguesa, Ministério da Educação, INIDE, e outras afins; recomendamos de igual modo uma reavaliação do ensino da língua portuguesa a todos os níveis e, sobretudo no que diz respeito à questão da Sintaxe, em especial o uso correcto de clíticos com vista a evitar a arbitrariedade na utilização dos mesmos nos dias de hoje, visto que tal arbitrariedade constatada nas obras estudadas é decorrência da época clássica em que predominava a próclise, ora tal como outros campos do saber a língua portuguesa também conheceu evoluções múltiplas, e, por conseguinte não se justifica a próclise na perspectiva actual do Português, embora a língua portuguesa seja uma variante em Angola.

Em suma, tendo como principal objectivo a descrição da ordem das palavras na frase, apresentámos, relativamente a estas estruturas, uma caracterização gramatical que teve em conta outros aspectos da sua sintaxe.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALI, M. Sahid.(1971), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Académica

ALI, M. Said.( 1979), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro 7ª Edição, Livraria Académica,

ALMEIDA, Napoleão Mendes de.(1999),*Gramática Metódica de Língua Portuguesa*. S. Paulo, ed. Saraiva.

AMBAR, Maria Manuela.(1992), *Para uma inversão sujeito verbo em português*. Lisboa,Calibri.

AOUN, J.(1986) *Generalized binding – the Syntax and logical form of wh – interrogatives..* Foris, Dordrecht, 1986.

BANDEIRA, Esperança. *O Essencial sobre a Linguística Portuguesa*. Editora Nzila. s./d.

BARROS, de João.(1953). *Clarimundo*. Lisboa, Sá da Costa, vol. I, II.

COSTA, António Fernandes da. (2006). *Rupturas do Português e Língua Bantu em Angola*. Universidade Católica de Angola.

COSTA, J.(2000). *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford, Oxford University Press.

CUESTA, Pilar Vazquez. DA LUZ, Maria Albertina Mendes.(1971). *Gramática de Língua Portuguesa*. Edição 70.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley.(1991). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Ed. Sá da Costa, 8ª Edição.

DIAS, Epiphâmio Silva. (1917). *Sintaxe*. Lisboa, Editora Portuguesa. 5ª Ed. Livraria Clássica Editora.

DUARTE, Inês. (1983). *Variação Paramétrica e Ordem dos Clíticos*. Lisboa, revista da faculdade de letras, 158-178.

DUARTE, Inês. (2000). *Língua Portuguesa – Instrumento de Análise*. Lisboa, Universidade Aberta.

ELISEU, André. (2008). *Sintaxe do Português.*, Luanda Nzila.

GALVES, C. & Paixão de Sousa, M.C. (2003). *Clitic placement and the position of subjects in the History of European Portuguese*. Em T. Geerts, i. Van Ginneken & H. Jacobs (orgs) *Romance Languages and Linguistic Theory selected papers from Going Romance*. John Benjamins, pp. 93-107.

IVO, Castro. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa Universidade Aberta,. s./d.

IVO, Castro. (2004). *A Introdução à História do Português*. Lisboa, Colibri, 2004.

JACKENDOFF, R.S.(1977). *X Syntax: A study of Phrase structure*. Cambridge, The MIT Press, mass.

KOOPMAN, H.( 1984). *The syntax of verbs*, foris, Dordrecht 1984.

LAPA, Manuel Rodrigues.(1979). *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina.

MARQUES, Maria Helena Duarte. (1990). *Iniciação à Semântica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor.

MARTINS, Ana Maria.(1994). *Clíticos na História do Português*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa.

MATEUS, M. A. Brito, I. Duarte, I. Farias.(1989). *Gramática de Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina.

MATOSO, Camará.( 1975). *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Padrão.

MIGUEL, Maria Helena.(2001). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda, ed. Nzila.

NETO, Serafim da Silva.(1979). *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Presença.

PÁDUA, M. (1960). *A Ordem das Palavras no Português Arcaico*. Coimbra, Imprensa de Coimbra, Lda..

PAIXÃO de Sousa, M.C. (2003). *A colocação de clíticos do português clássico ao português europeu moderno*. Comunicação à sessão coordenados clíticos na história do português, 3º Congresso Internacional de Abralim. Rio de Janeiro, Março 2003, pag. 130-136.

PAIXÃO de Sousa, M.C. *Posição do Sujeito no Português Clássico*. Trabalho de qualificação de área. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, pag. 150-154. s./d.

PINTO, Fernão Mendes.(1953). *Peregrinação*. Lisboa, ed. Livraria Sá da Costa, vol. I, II.

Ordem das palavras nos textos de Clarimundo e Peregrinação

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. (1994). O Português Arcaico. *Fonologia e Morfologia e Sintaxe do Português Arcaico*. S. Paulo, ed. Contexto.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Nova Universidade, Sá da Costa, 4ª edição,. s./d.

TRAVIS, E. (1984). *Parameters and Word order variation*. Tese de Doutoramento, Mit Cambridge, Mass,.

VICENTE, Gil. (1976). *Auto da Alma*. in Clássicos Portugueses, séc. XVI, Porto, Porto Editora, [Org. Mário Fiúza].

WILLIAM B. Edwin. (1986). *Do Latim ao Português, Fonologia e Morfologia Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

## **ANEXOS**

## LISTA DOS ENUNCIADOS NUMERADOS UTILIZADOS NO TRABALHO

**1.**

- a) *O marido da Amazonina telefonou.*
- b) *Telefonou o marido da Amazonina.*
- f) *?? Da Margarida telefonou o marido.*
- g) *?? Marido da Margarida telefonou o.*
- h) *?? O marido telefonou da Margarida.*

**2.**

- a) *O Pompeu assistiu o paciente durante uma hora.*
- b) *Durante uma hora, o Pompeu assistiu o paciente.*

**3.**

- a) *?? O paciente, o Pompeu assistiu durante duas horas.*
- b) *?? Hora, o Pompeu assistiu os pacientes duas.*
- c) *?? Uma hora, o Pompeu assistiu o paciente durante.*

**4.**

- *O Pompeu assistiu o paciente durante uma hora.*

**5.**

- a) *O Dadinho comeu mangas;*
- e) *Comeu o Dadinho mangas;*
- f) *Comeu mangas o Dadinho;*

*g) Mangas comeu o Dadinho.*

**6.**

– *Que viu o Director Caculo?*

**7.**

– *Comeu os figos o Buanga.*

**8.**

– *O Afonso comeu os figos*

**9.**

– *Comeu o Afonso os figos*

**10.**

- a) Afonso comeu a pipoca.*
- b) A pipoca comeu(a) o Afonso.*
- c) Comeu o Afonso a pipoca.*
- d) Comeu a pipoca o Afonso.*
- e) O Afonso não a comeu.*

**11.**

- a) Não gosto de pipoca que o Afonso comeu.*
- b) Não sei o que o Afonso comeu*
- c) O que comeu o Afonso?*
- d) Que estranha pipoca, comeu o Afonso!*

**12.**

- a) A Amazonina telefonou?*
- b) O Luís leu o livro /que lhe ofereci?*
- c) Compraste o disco?*
- d) A Tina comprou a fuba?*

**13.**

- a) Telefonou a Amazonina?*
- b) Leu o Luís o livro / que lhe ofereci?*
- c) Comprou a Tina a fuba ?*



**14.**

- b) *Que programa televisivo viste?*
- c) *Compraste o quê no Nosso Super?*
- d) *Vais viajar quando?*
- e) *O que comeu o Afonso?*

**15.**

- a) *O Luís leu o livro /que lhe ofereci?*
- b) *Leu o Luís o livro /que lhe ofereci?*
- c) *O que comeu o Afonso?*

**16.**

- a) *O que a Maria fez?*
- b) *O que ele fez?*
- c) *Quando o Afonso chegou?*

**17.**

- a) *O que fez a Maria?*
- b) *O que fez ele?*
- c) *Quando chegou o Afonso?*

- *Come a maçã*
- *Prepara a roupa*
- *Lava o carro*
- *Leva tu o teu irmão ao hospital.*

**18.**

- a) *Podia servir-me uma sopa?*
- e) *Tu levas o teu irmão à escola*
- f) *Levas tu o teu irmão à escola*
- g) *Leva **tu** as compras*

**19.**

- a) *Huambo é uma cidade linda!*
- b) *Uma cidade linda é Huambo!*

**20.**

- *Quantas fábrica a guerra destruiu!*

**21.**

- a) *O Comboio destruiu muitas casas!*

---

*Os enunciados de 1 à 21 são de nossa autoria.*

**22.**

- a) Este novo rei lançou esta primeira pedra<sup>18</sup>*
- b) Clarimundo o levou nos braços<sup>19</sup>*

**23.**

- a) Algum mal passou ele? <sup>20</sup>*
- b) Inês está concentrada para casar com alguém? <sup>21</sup>*
- c) Esta carta mostrou o vice-Rei D. Afonso ao Padre Reitor Mestre Belchior qual era o colégio de S. Paulo de Goia?<sup>22</sup>*

**24.**

- a) Que remédio pode esperar este triste doente? <sup>23</sup>*
- b) A quem estas cartas mandou o senhor? <sup>24</sup>*
- c) Que manda vossa mercê? <sup>25</sup>*

**25.**

- a) Quem não fizer o que eu faço, a Serpe da noite o trague no fogo! <sup>26</sup>*
- b) Muito poderoso deve ser o Deus deste homem e digno de ser reverenciado em toda a grandeza da terra!. <sup>27</sup>*
- c) Eu mui bem me confessei!<sup>28</sup>*

**26.**

- a) Que conselho me dará vossa reverência!<sup>29</sup>*
- b) Quem da vida desterra a triste serra!<sup>30</sup>*
- c) Que pena posso tomar por tamanho erro!<sup>31</sup>*

**27.**

- a) Entrai cá<sup>32</sup>*
- b) Caminhai<sup>33</sup>*
- c) Ó descuidados, cuidai<sup>34</sup>*

---

<sup>18</sup> Fernão Mendes Pinto, “*Peregrinação*”, Lisboa, ed. Sá da Costa, 1953, vol. II, p. 155

<sup>19</sup> João de Barros, “*Clarimundo*”, Lisboa Sá da Costa, 1953, vol. I, p. 204

<sup>20</sup> Id., p. 83

<sup>21</sup> Gil Vicente, “Auto da Alma in Clássicos Portugueses” séc. XVI, Porto, Porto Editora, 1976, p. 155  
[org. Mário Fiúza]

<sup>22</sup> Fernão Mendes Pinto, o.c., p. 915

<sup>23</sup> João de Barro, o.c., p. 81

<sup>24</sup> Id., p. 73

<sup>25</sup> Gil Vicente, o.c., p. 168

<sup>26</sup> Fernão Mendes Pinto, o.c., p. 15

<sup>27</sup> Ib.

<sup>28</sup> Gil Vicente, o.c., p. 73

<sup>29</sup> Fernão Mendes Pinto, o.c., p. 824

<sup>30</sup> Gil Vicente, o.c., p. 81

<sup>31</sup> João de Barros, o.c., p. 84

<sup>32</sup> Gil Vicente, o.c., p. 251

<sup>33</sup> Id., p. 128

<sup>34</sup> Id., p. 262

## 28.

a) *Lhe deram os parabéns de tão honroso efeito*<sup>35</sup>

b) *Lhe agasalhou logo em um pagode*<sup>36</sup>

c) *O padre lhe deu as graças*<sup>37</sup>

d) *Eu lhes vejo*<sup>38</sup>

e) *Belifonte lhe beijou as mãos*<sup>39</sup>

## 29.

a) [...] *Depois que a visse falaria com os padres*<sup>47</sup> [...]

b) [...] *Quando nos viram comer com a mão*<sup>48</sup> [...]

c) [...] *Quem me fora solteiro!*<sup>49</sup> [...]

d) [...] *Quando te parecer bem podes dizer ao padre que me venha ver*<sup>50</sup>[...]

e) [...] *Quando Belifonte o viu jazer, apertou a aliança*<sup>51</sup>[...]

---

<sup>35</sup> Fernão Mendes Pinto, o.c., vol. I, p. 936

<sup>36</sup> João de Barros, o.c., p. 166

<sup>37</sup> Id., p. 946

<sup>38</sup> Gil Vicente, “*Obras Completas*”, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1953, vol. VI, p. 119

<sup>39</sup> João de Barros, o.c., p. 184, vol. I

<sup>47</sup> Fernão Mendes Pinto, o.c., p. 942

<sup>48</sup> Id., p. 938

<sup>49</sup> Gil Vicente, o.c., p. 139

<sup>50</sup> Fernão Mendes Pinto, o.c., p. 944

<sup>51</sup> Ib.

### GLOSSÁRIO

- ⇒ **Agramatical:** Diz-se de uma expressão que viola (pelo menos) uma regra da gramática. A agramaticalidade de uma expressão é assinalada através de um asterisco (\*). Por exemplo, expressões como “*aqueles livro*” ou \* “*todas as casa*” são agramaticais por violarem regras de concordância (em português europeu, os determinantes e o nome concordam em género e número, e o sujeito e o verbo em pessoa e em número)<sup>52</sup>.
- ⇒ **Argumento:** Expressão referencial seleccionada por um predicador. Por exemplo, na frase “*A Cléusia desenhou um carro*”. Os constituintes “*A Cléusia*” e “*um carro*” são argumentos do predicador verbal *desenhar*; o significado deste verbo implica uma relação entre duas entidades que, neste caso, são referidas pelas expressões “*A Cléusia*” e “*um carro*”<sup>53</sup>.
- ⇒ **Clítico:** Genericamente, este termo designa os elementos que numa expressão linguística ocorrem associados a um “*hospedeiro*”. É este o caso dos clíticos pronominais do português como “*o*”, “*me*” “*lhe*” que apenas podem ocorrer junto de um verbo: “*O Afonso deu-lhe um livro*”<sup>54</sup>.
- ⇒ **Constituinte:** Unidade linguística que faz parte de uma unidade linguística maior. Por exemplo, em “*o rato morreu*”, “*o*” e “*rato*” são constituintes de “*rato*” que por seu lado, é um constituinte da frase “*o rato morreu*”<sup>55</sup>.

⇒ **Função Sintáctica:** Termo que designa o conjunto de propriedades sintácticas que um constituinte possui, em virtude da posição sintáctica que ocupa. Designações alternativas: relação gramatical, relação sintáctica, função gramatical<sup>56</sup>.

⇒ **Objecto directo:** Uma das funções sintácticas centrais. Designa a função gramatical do complemento dos verbos transitivos. O objecto directo, faz parte do predicado e pode ser substituído por um clítico acusativo “o”: “O Afonso comeu o bolo” / “O Afonso comeu-o”<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup>cf André Eliseu, *Sintaxe do Português*, o.c., p. 137-144.

<sup>53</sup> Ib.

<sup>54</sup> Ib.

<sup>55</sup> Ib.

<sup>56</sup> Ib.

<sup>57</sup> Ib.

⇒ **Objecto Indirecto:** Uma das funções sintácticas centrais. Designa a função gramatical do complemento pré-posicionado dos verbos ditransitivos e transitivos indirectos. O objecto indirecto, faz parte do predicado e pode ser substituído por um clítico dativo “lhe”: “O Afonso ofereceu uma Rosa à Bela”./ “O Afonso ofereceu-lhe uma rosa”<sup>58</sup>

⇒ **Ordem das Palavras:** O termo ordem das palavras, designa um parâmetro de classificação tipológica das línguas que tem em conta a posição relativa dos elementos que compõem uma expressão linguística complexa.

Por exemplo, classificação das línguas nos tipos SVO, VOS, SOV, etc. Tem em conta o padrão de alinhamento dos constituintes com as funções sintácticas de sujeito e de objecto directo e do verbo<sup>59</sup>.

⇒ **Sujeito:** Uma das funções sintácticas centrais. Entre outras propriedades, o constituinte que tem a função de sujeito controla a concordância verbal. Exemplo: “O menino joga a bola”. É substituível por uma forma do pronome pessoal “Ele joga a bola”. No caso do português, convém ter presente que o sujeito ocupa, em geral, a posição pré-verbal, embora possa ocorrer à direita do verbo (nas construções de sujeito invertido como em “telefonou o Afonso”)<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> Ib.

<sup>59</sup> Ib.

<sup>60</sup> Ib.